

# *É preciso escolher: o papel desempenhado pelas revistas 'Marcha' e 'Ercilla' no debate político do Uruguai e do Chile durante a primeira metade da década de 1970\**

MATEUS FÁVARO REIS\*\*

Universidade Federal de Ouro Preto

**Resumo:** Este breve texto tem por objetivo analisar, em perspectiva comparada, o posicionamento político adotado pelas revistas *Marcha* e *Ercilla*, no Uruguai e no Chile, em face dos dilemas colocados pela polarização política que marcou o cenário dos dois países sul-americanos, durante a primeira metade dos anos 1970, com um desfecho comum de destruição dos regimes democráticos, devido à execução dos golpes de Estado, respectivamente em junho e setembro de 1973. Em tempos difíceis, era preciso escolher. Se, por um lado, *Marcha* trilhou o caminho das pedras, ao condenar vigorosamente o golpe no Uruguai, realizado pelo presidente Juan María Bordaberry, com o apoio dos militares; de outro, *Ercilla* preferiu tomar rumos diferentes, ao apoiar o golpe no Chile para dismantelar o governo presidido por Salvador Allende.

**Palavras-chave:** *Marcha*; *Ercilla*; Uruguai; Chile; Golpe de Estado.

**Abstract:** The present paper aims at analysing, in a comparative perspective, the political attitude adopted by magazines *Marcha* and *Ercilla*, published in Uruguay and Chile, face to the dilemmas posed by the political polarization that marked the scene of the two South American countries during the first half of the 1970s, with a common outcome of destruction of democratic regimes, due to the implementation of coups respectively in June and September 1973. In tough times, they had to choose. On the one hand, *Marcha* walked the ropes, to vigorously condemn the coup in Uruguay, held by President Juan María Bordaberry, with the support of the military; the other, *Ercilla* preferred to take different paths, supporting the coup in Chile to dismantle the government headed by Salvador Allende.

**Keywords:** *Marcha*; *Ercilla*; Uruguay; Chile; Coup d'état.

---

\* Recebido em 08 de agosto de 2015 e aprovado para publicação em 16 de setembro de 2015.

\*\* Doutor em História. Vinculado à Universidade Federal de Ouro Preto. E-mail: [mateusfav@hotmail.com](mailto:mateusfav@hotmail.com).

## Introdução

As revistas *Marcha*<sup>1</sup> e *Ercilla*<sup>2</sup> foram fundadas na década de 1930, em Montevideu e Santiago, respectivamente, por jovens intelectuais que aspiravam ocupar um espaço de destaque tanto nos cenários políticos quanto culturais dos dois países sul-americanos, assim como ocorria em outros países latino-americanos (SARLO, 1992; CRESPO, 2010). No caso de *Ercilla*, o cruzamento de intelectuais chilenos e exilados de diferentes países, principalmente de peruanos, foi extremamente fecundo para a elaboração de um vigoroso projeto editorial, em conjunto com a publicação de livros. Paralelamente, *Marcha* também se edificou como um local de entrecruzamento de intelectuais e políticos perseguidos em diversos países latino-americanos.

Os dois semanários participaram ativamente da crítica e da formação da esfera cultural e política do Uruguai e do Chile. Edificaram locais de importantes redes de sociabilidade intelectual, ao promover a legitimação de autores, ideias, temas, práticas políticas e culturais. Tentaram entrelaçar a formação de uma comunidade de leitores com ação política, uma vez que visaram formar uma opinião pública (BAKER, 1987), sobretudo urbana, mas jamais desconectada dos problemas mais significativos dos dois países como um todo.

As revistas devem ser tomadas como atores do seu presente, como veículos de comunicação e agentes que, até certo ponto, buscam transformar as coletividades locais e ou nacionais nas quais se inserem, e não como meios de simples registro dos debates do passado (CRESPO, 2011). É preciso estar atento para a produção social e cultural dos impressos, para os seus projetos político-culturais, para a linha editorial, seus colaboradores, bem como para as sociabilidades que engendram.

---

<sup>1</sup> Uma introdução mais detalhada sobre *Marcha* envolve a consulta de vários textos já publicados, como, entre outros, ALFARO (1984), ROCCA (1992), COTELO (1999), PEIRANO BASSO (2001), MACHÍN; MORAÑA (2003), ESPECHE (2010), PIÑEYRÚA (2010) e CARMEN DE SIERRA (2015).

<sup>2</sup> Para se aproximar da trajetória de *Ercilla*, consultar MOBAREC HASBÚN; SPINIAK BERCOVICH (2001), SÁNCHEZ (2004) e SUBERCASEAUX (2008; 2010).

A editora *Ercilla* foi fundada em abril de 1932, com uma atuação fundamentalmente relacionada à edição, em pequena escala, de livros. Para promover a sua expansão, a editora chilena, dirigida inicialmente pelo argentino Laureano Rodrigo, decidiu publicar um boletim literário mensal para promover o mundo das letras e, em particular, as obras que saíam com o selo de *Ercilla*, a partir de abril de 1933. Com o passar do tempo, o boletim literário enriqueceu-se com matérias informativas e crônicas, ampliando seu leque temático. Em 1936, passou a ser publicado como um semanário.

*Ercilla* contou com a incorporação de integrantes da Alianza Popular Revolucionaria Americana (APRA),<sup>3</sup> como Luis Alberto Sánchez, Manuel Seoane e Ciro Alegría, para nomear os mais importantes, que desempenharam atividades de destaque no mercado editorial e jornalístico do Chile. Sánchez incorporou-se à editora como vice-diretor, em dezembro de 1934, foi um de seus principais tradutores e promoveu a publicação de diversas obras dos exilados do APRA. Já Seoane, que viveu muito tempo na Argentina, antes de se mudar para o Chile, passou a ser o diretor do semanário, em abril de 1937, enriquecendo-o com um olhar assíduo sobre a realidade política e cultural latino-americana, até 1945, quando foi substituído pelo jornalista chileno Julio Lanzarotti.

Vários escritores, jornalistas e críticos participaram da edificação de *Ercilla*, entre sua fundação e o início da década de 1970, como, entre muitos outros, Pablo Neruda, Benjamín Subercaseaux, Joaquín Edwards Bello, Lenka Franulic, Luis Hernández Parker, José Donoso, Ariel Dorfman e Mario Planet.

A fundação de *Marcha*, paralelamente, também se delineou ao longo dos anos 30, orquestrada, acima de tudo, por três jovens intelectuais uruguaios: Carlos Quijano, Julio Castro e Arturo Ardao. Participantes ativos

---

<sup>3</sup> A fundação do APRA foi liderada pelo peruano Víctor Raúl Haya de la Torre, quando se encontrava exilado no México, em 1924. A linha norteadora desse importante movimento político-intelectual do Peru foi o indo-americanismo e seus principais objetivos foram a luta contra o imperialismo dos EUA, a unidade política da América Latina ou Indo-América, a nacionalização de terras e de indústrias, a internacionalização do Canal do Panamá e a “solidariedade com todos os povos e grupos oprimidos do mundo”. Em 1931, o APRA transformou-se no Partido Aprista Peruano (HAYA DE LA TORRE, 1936, p. 33-41).

da vida política e intelectual do Uruguai, Quijano, Castro e Ardao haviam fundado um grupo político, denominado *Agrupación Nacionalista Demócrata Social* (ANDS), em 1928, com o objetivo de renovar os quadros políticos do país. No interior da ANDS, publicaram o diário *El Nacional*, que atuou como a principal plataforma de suas ideias políticas e sociais, entre agosto de 1930 e novembro de 1931. Contudo, devido fundamentalmente à escassez de recursos financeiros e à derrota no pleito eleitoral neste último mês, *El Nacional* deixou de ser publicado (CAETANO; RILLA, 1986, p. 219).

A despeito disso, canalizaram seus esforços para a criação de um semanário intitulado *Acción*, em março de 1932, inicialmente projetado como uma publicação de debate político. Após passarem por vários contratemplos, seus redatores fundaram a editora *Acción*, na forma de sociedade anônima, nos finais de 1938, cujo objetivo era angariar recursos financeiros para publicar livros de autores nacionais que possuíam ideias convergentes às divulgadas em suas páginas, bem como preparar a renovação e ampliação do semanário até então publicado.

Ainda que a edição de livros pela editora recém-fundada fosse bastante limitada até começos dos anos 60, a publicação do semanário *Marcha*, em formato tabloide, a partir de junho de 1939, compensou o investimento realizado no ano anterior e tornou-se um dos principais veículos de comunicação do Uruguai até meados dos anos 70.

Vários dos mais expressivos intelectuais uruguaios passaram pela redação de *Marcha* e foram publicados por sua editora, como, entre muitos outros, Juan Carlos Onetti, Mario Benedetti, Emir Rodríguez Monegal, Ángel Rama, Carlos Real de Azúa, Carlos Martínez Moreno, Joaquín Torres García e Eduardo Galeano, além das contribuições internacionais.

Para resumir em linhas bem gerais as trajetórias dos dois periódicos até o início da década de 1970, pode-se mencionar que *Ercilla* dialogou com a formação da Frente Popular no Chile, que levou Pedro Aguirre Cerda à presidência no final dos anos 1930, ao passo que os redatores de *Acción* e *Marcha* buscaram, sem êxito, promover uma aliança entre alguns grupos de esquerda do Uruguai.

Durante as décadas de 40 e 50, ocorreu a consolidação das atividades de *Marcha* e *Ercilla* nos planos cultural e político dos dois países

sul-americanos, apesar de enfrentarem algumas dificuldades financeiras. Convergentemente, foram responsáveis por promover debates bastante polifônicos a respeito dos cenários políticos e culturais do Uruguai e do Chile, em perspectivas conectadas aos demais países latino-americanos, particularmente durante os anos 60.

De uma maneira mais geral, e sem espaço para tratar com mais detalhes, suas trajetórias se articularam aos debates em torno da Revolução Cubana (1959) e de seus desdobramentos; ao auge do modelo de engajamento intelectual; às condições do chamado Terceiro Mundo, vistas tanto em termos das possibilidades de modernização quanto em relação às ideias de subdesenvolvimento e dependência; aos movimentos de contracultura; à Guerra Fria; ao realismo fantástico e *boom* da literatura latino-americana; a Maio de 68 e seus desdobramentos; assim como às ditaduras militares, particularmente no Cone Sul; e, por fim, ao exílio. Algumas das questões mais importantes dos anos 60 e 70 relacionaram-se às tentativas de entender o papel dos intelectuais na construção da vida política, particularmente a respeito de como aproximá-los das aspirações populares, como sublinharam Beatriz Sarlo (1985), Oscar Terán (1991), Silvia Sigal (1991), Claudia Gilman (2003), Idalia Morejón Arnaiz (2004), Sílvia Miskulin (2009) e Adriane Vidal Costa (2013).

Vale ressaltar que *Marcha* e *Ercilla* traçaram trajetórias notadamente comprometidas com as transformações políticas e culturais de seus países. Durante os anos 60, *Marcha* foi palco de um interessante debate acerca dos papéis preconizados para os intelectuais na vida pública, canalizou os diálogos entre caminhos reformistas ou revolucionários para a construção do socialismo no Uruguai e na América Latina como um todo, bem como apoiou a união das esquerdas democráticas e revolucionárias durante a formação da primeira Frente Ampla, nos princípios da década de 70. Paralelamente, *Ercilla* cedeu espaço para escritores engajados, como Neruda,<sup>4</sup> e se aproximou da Democracia Cristã.

Contudo, a ascensão do militarismo na América Latina, principalmente durante os anos 1960, por um lado, e o governo de Salvador

---

<sup>4</sup> Neruda assinou a coluna *Reflexiones desde Isla Negra*, entre 1968 e 1970.

Allende no Chile, entre 1970 e 1973, por outro, promoveu consideráveis transformações nos debates tramados pelas duas revistas.

A riqueza de interpretações que marcou a história do semanário chileno, desde a sua fundação, sofreu profundas reorientações a partir de 1972, e pode-se afirmar que, em estreita relação com a Democracia Cristã, foi uma das peças-chave de justificação do golpe de 1973, pela Junta Militar, capitaneada por Augusto Pinochet. Já o caso de *Marcha* foi bem distinto, ao lutar contra a “militarização” gradativa do Uruguai, criticar as ações de censura realizadas no país platino pelos governos civis e denunciar a iminência de um golpe, com o apoio do Brasil. Em comum, um dos principais dilemas por que passaram os intelectuais de *Marcha* e *Ercilla* consistiu em apoiar revoluções ou continuar a defender os reformismos democráticos.

Em tempos difíceis, era preciso escolher. Diante das alternativas, *Marcha* se enveredou por caminhos deliberadamente engajados contra a militarização da América Latina, ao passo que *Ercilla* apostou, em 1973, na suposta neutralidade da ação das Forças Armadas. Assim, os responsáveis pelo empreendimento uruguaio foram perseguidos e tiveram que, em muitos casos, partir para o exílio. Já os últimos redatores de *Ercilla* enfrentaram alguns problemas inicialmente, como a maior parte dos órgãos da imprensa chilena, mas até começos de 1975 não sofreram perseguições ou ações mais concretas por parte dos militares, até mesmo porque justificaram o golpe e seguiram a política da Democracia Cristã.

A decisão pela comparação repousa sobre a necessidade de se trilhar caminhos pouco transitados pela historiografia dos impressos no Chile e no Uruguai, ao enfatizar que os estudos comparativos, conectados e transnacionais entre os países latino-americanos são extremamente férteis e merecem receber maiores investimentos. Como salientou Maria Ligia Coelho Prado (2005), entre comparação e conexão – e entrecruzamento –, há mais complementação que exclusão, bem como é possível evitar os riscos do etnocentrismo e das visões dicotômicas. Nesse sentido, os estudos realizados por meio de um olhar “transnacional” não necessariamente devem descartar as possibilidades da comparação. Precisam, por outro lado, observar o trânsito entre diferentes lugares. Além disso, a comparação propicia acompanhar e explicar, sempre que possível, o espectro de

respostas arquitetadas por significativos intelectuais latino-americanos aos problemas enfrentados paralelamente por seus países.

Assim, o presente texto busca analisar as trajetórias de *Marcha* e *Ercilla*, de forma comparada durante a primeira metade da década de 1970, mas cauteloso em perceber algumas conexões e cruzamentos possíveis, muito frequentes no âmbito da produção de impressos e da circulação internacional das ideias (SORÁ, 2003).

### Revistas e engajamento político

Há certo consenso bibliográfico a respeito da aproximação entre o debate político e cultural durante os anos 60, canalizada em grande medida pela Revolução Cubana, de um lado; e a ascensão de governos militares em diversos países latino-americanos, de outro. Os ventos de luta, que exigiam a tomada de posições em face do desenrolar histórico, voltavam a soprar com força. E desta vez a América Latina assumia cada vez mais um lugar de destaque para os olhares lançados de várias partes do Globo.

No compasso da agitação do período, ocorreu a fundação ou renovação de revistas em diversos países, o debate sobre o papel dos intelectuais na vida pública ultrapassou os limites de suas redes de sociabilidade e tanto *Marcha* quanto *Ercilla* desempenharam um importante papel para estruturar estas discussões no Uruguai e no Chile, mas que certamente ultrapassaram, em muito, suas fronteiras nacionais. Principalmente porque as trajetórias dos dois países se transformaram em uma espécie de espelho para os grupos de esquerda, que oscilaram entre apoiar transformações por meio de reformas ou de revoluções.

A revista *Ercilla* passou por significativas mudanças em 1968, quando Emilio Filippi assumiu a sua direção. A partir daquele momento, começou a apresentar uma página inicial com a sinopse de algumas matérias, ao lado do índice, com a seguinte divisão geral, consolidada nos anos 70: *Política, Actualidade Nacional, América Latina, El Mundo, Reportaje a la Semana, Educación, Economía, Religión, Libros y Autores, Arte, Música, Espectáculos, Folklore, Cine e Deportes*, além das páginas iniciais com cartas dos leitores e várias outras

seções de entretenimento e miscelânea. Cabe ressaltar que a coluna de título “América Latina” habitualmente contava com cinco páginas.

*Marcha*, por sua vez, aprofundava seu discurso latino-americanista, anti-imperialista e terceirista (CARMEN DE SIERRA, 2015), bem como se transformava em importante tribuna de debate a respeito do papel dos intelectuais na vida política e sobre as alternativas reformistas em contraposição às revolucionárias para as esquerdas no Uruguai e demais países da América Latina (GILMAN, 2003).

Entre outros temas e posicionamentos em comum, os dois periódicos denunciavam a prática de torturas no Brasil e outros países latino-americanos, assim como coincidiam em afirmar que o Uruguai já se encontrava à beira de um regime ditatorial, devido à adoção das *Medidas Prontas de Seguridad*.<sup>5</sup> Entretanto, a vitória eleitoral de Salvador Allende e os três anos do governo da Unidade Popular encerraram rapidamente as aproximações entre *Marcha* e *Ercilla*.

O Chile ganhou as páginas do semanário uruguaio, bem como de sua revista mensal, intitulada *Cuadernos de Marcha*, com capas, matérias e entrevistas, inclusive sobre a cultura do país transandino, que buscavam mostrar que era possível a realização de uma unidade de esquerdas para se chegar ao poder por vias eleitorais. O cinema, a música e a literatura chilena passaram a ganhar cada vez mais destaque no empreendimento editorial uruguaio.

Em relação ao Uruguai, *Marcha* atuou como um dos principais canais de formação da Frente Ampla, particularmente por abrir suas páginas aos diferentes setores e personagens que estiveram por trás daquela empreitada. Concedeu, igualmente, espaço para os representantes de movimentos de esquerda que desconfiavam das benesses de uma aliança vista como fundamentalmente eleitoral.

As ações favoráveis com respeito à Frente Ampla não pararam por aí, pois *Cuadernos de Marcha* publicou seu 46º número sobre o vasto movimento

---

<sup>5</sup> Segundo as leis uruguaias, tais medidas tinham como objetivo a ação rápida do poder Executivo em face de um contexto desfavorável, como ataques externos, mas deviam resguardar alguns direitos dos cidadãos, como o de ser preso somente em caso de ser pego em flagrante, o que não foi completamente respeitado.

que agrupou inúmeros setores da esquerda uruguaia, no final de abril de 1971. De forma convergente, a editora pertencente à revista, intitulada *Biblioteca de Marcha*, publicou dois livros que fortaleciam a visão de alguns dos intelectuais do empreendimento: *La Comuna de París de 1871 en la prensa montevidéana de la época*, de Diógenes de Giorgi; e *Irigoyen*, de Manuel Claps. Às vésperas das eleições, *Cuadernos de Marcha* publicou outro número (53º) sobre a Frente Ampla, com o sugestivo título de *Frente Amplio: respuesta al despotismo*. Por fim, no início do mês anterior às eleições nacionais, realizadas em novembro de 1971, *Marcha* traçou paralelos entre a vitória de Allende e a ascensão da Frente Ampla, ao apoiar por meio de capas, editoriais, pesquisas de opinião, charges e caricaturas a candidatura de Liber Seregni.

Pode-se afirmar que, portanto, a década de 1970 se iniciava com mensagens de que a esquerda uruguaia finalmente ingressava em um momento mais de diálogos do que disputas, a exemplo da forma como o cenário chileno era interpretado nas páginas de *Marcha*, que buscava canalizar a luta para derrotar tanto o Partido Colorado quanto o Partido Nacional.

Além disso, os principais editoriais do semanário não apoiaram ações violentas, ainda que houvesse espaço para a publicação de textos de líderes vinculados aos grupos guerrilheiros do Uruguai. Era recorrente interpretar a história recente do país, por meio de seu chamado editorialismo programático (BEIGEL, 2003, p. 108), enfatizando que era necessária uma revolução no Uruguai, mas não por meios violentos, ao traçar paralelos entre a Unidade Popular e a Frente Ampla, mesmo após a derrota eleitoral da agrupação uruguaia em 1971.

Por exemplo, *Marcha* terminou 1969 com uma esperança, ao proclamar que em 1970 se iniciava a “década da América Latina”. A capa do último número dos anos 60 observou que o Uruguai “liberal” e “democrático” havia mostrado suas fissuras, e não deixava dúvidas sobre os principais caminhos a seguir: os que preconizavam as lutas para a transformação de todo o continente. A capa apresentava uma fotografia de Ernesto Guevara que abria as páginas de muitos discursos favoráveis à releitura das lutas pela independência da América Latina nas primeiras décadas do século XIX, por um lado, e a demanda de diálogo, negociação e luta eleitoral por parte das esquerdas, de outro. De um lado, Che Guevara e Artigas, acima de tudo. De

outro, Salvador Allende, já em vistas de começar a campanha eleitoral de 1970, os debates sobre as Frentes Populares dos anos 1930 e a conclamação de uma ampla aliança entre as esquerdas democráticas do Uruguai.

**Figura 1** - Capa de *Marcha* (30/12/1969)



*Ercilla* argumentou que desempenhava outro papel durante as eleições de 1970 no Chile, buscando não se posicionar deliberadamente a favor de algum candidato ou partido. Entre março e abril daquele ano, publicou os programas dos partidos e entrevistou os candidatos a *La Moneda*: Jorge Alessandri (Partido Nacional), Radomiro Tomic (Democracia Cristã) e Salvador Allende (Unidade Popular), nesta ordem.

No entanto, apesar de criticar ligeiramente o governo em alguns momentos, os comentários positivos de Luis Hernández Parker acerca de Frei, na semana seguinte à publicação das páginas sobre Allende e a Unidade Popular (UP), mostravam ao leitor uma evidente tendência pela Democracia Cristã (DC). Hernández Parker (1970, p. 8) afirmou que o resultado eleitoral de 1970 colocaria muitos desafios ao vencedor, pois Frei “tinha promovido rigorosamente a reforma agrária, a reforma tributária, a promoção popular e a lei de *Juntas de Vecinos*.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Esta lei inscreveu-se no plano habitacional do governo de Frei, que buscou conjugar a construção de novas moradias e a remodelação de muitas áreas urbanas, com a organização

Além disso, uma de suas principais redatoras, Érica Vexler, não ocultava seu apoio a Tomic, ao lado de outros integrantes da revista chilena, como o seu diretor, Emilio Filippi. Por exemplo, o penúltimo número de *Ercilla*, anterior às eleições, publicou uma entrevista exclusiva de Frei a Filippi, em que o posicionamento favorável ao candidato da Democracia Cristã foi evidenciado. Se, de um lado, arquitetou-se a imagem de um presidente preocupado em não interferir na campanha, de outro, *Ercilla* explicitou que Frei havia dito que, caso não fosse o presidente, estaria trabalhando pela DC e por seu candidato. Filippi salientou que Frei era amigo de Gabriela Mistral, e o alcunhou de “el Presidente campesino”, “de los pobladores”, “de las mujeres” e “de la educación”. Além disso, afirmou que Frei era visto internacionalmente como “o motor da integração latino-americana” (FILIPPI, 1970, p. 8-14).

Para não ser injusto com os redatores de *Ercilla*, houve também espaço para salientar alguns limites do governo democrata-cristão, como as dificuldades em conter a inflação e, em alguns momentos, sobre os problemas dos planos de habitação e da reforma agrária. Ainda assim, as considerações positivas prevaleceram, em muito, sobre as limitações.

Os números seguintes à vitória de Allende enfatizaram a tensão no país à espera da ratificação do resultado, sem criticá-lo de antemão. Um dos efeitos mais interessantes da ascensão da Unidade Popular, em *Ercilla*, foi o fortalecimento de suas páginas como um importante espaço de debate de opiniões, nem sempre coincidentes. Em uma via de mão dupla, reportou, nutriu-se e canalizou as polarizações que se acentuaram no cenário chileno, antes mesmo das eleições de 1970. Contudo, a vitória da UP contribuiu fortemente para algumas transformações internas. Emilio Filippi passou a aparecer cada vez mais nas páginas políticas, ao passo que Érica Vexler deixou o semanário e o Chile. Hernández Parker tentou manter a defesa da objetividade, enquanto foram abertas algumas páginas de debate entre representantes das três principais forças políticas do Chile: a Unidade Popular,

---

e promoção social. Mario Garcés (2002, p. 324) sublinhou que as *juntas de vecinos* eram vistas como “associações que agrupavam os vizinhos de um bairro ou povoado [población] com o objetivo de promover o desenvolvimento material e cultural desses vizinhos”.

a Democracia Cristã e o Partido Nacional. As páginas sobre a América Latina mantiveram amplo espaço, e o Uruguai foi constantemente abordado – mas não o semanário *Marcha* –, ressaltando os problemas por que passava o país platino. Finalmente, o espaço para a publicação de artigos classificados como de “opinião” aumentou, principalmente a partir de meados de 1971. Assim, o debate sobre a política tornou-se candente, com discussões internas e externas bem interessantes, com intensa participação dos leitores.

Segundo Julio Pinto (2005, p. 9-13), os anos 60, mas, acima de tudo, os três anos do governo de Allende reforçaram as expectativas, positivas e negativas, da população chilena a propósito da revolução. Entre os grupos integrantes da Unidade Popular, apesar das diferenças já bem debatidas sobre as estratégias, ritmos e atores, havia um núcleo compartilhado de que havia chegado o momento para colocá-la em prática, bem como sobre o tipo de sociedade a ser construída: “socialista, anti-imperialista [...], humanista e igualitária”. Além disso, assinalou que “aqueles que ficaram no meio do caminho, como o Partido Radical ou a Democracia Cristã, terminaram fraturados precisamente em torno desta opção, dividindo-se entre partidários e detratores da revolução”. O caso de *Ercilla* não foi diferente, apesar de insistir sobre sua presumida neutralidade e objetividade. Se houve espaço para o debate interno até finais de 1971, a revista caminhou, a partir de 1972, sem muitas hesitações para as fileiras oponentes à Unidade Popular.

A ênfase sobre o drama chileno crescia rapidamente, o que se agravou com a visita de Fidel Castro ao Chile. *Ercilla* concedeu ampla cobertura à visita do líder cubano, e citou a pergunta estampada no diário brasileiro *O Estado de São Paulo*, traduzida ao espanhol “¿a qué vino Fidel Castro a Chile?”. Contudo, o semanário chileno, por meio de Hernán Millas (1971, p. 8) sustentou que não dava a mesma resposta que o diário brasileiro – que havia alertado os chilenos sobre os riscos de se transformarem em um país sem liberdade –, ao realçar que a resposta d’*O Estado de São Paulo* estava marcada por claras intenções contrárias a Cuba (MILLAS, 1971, p. 3).

Artigos sobre a visita foram publicados até o final do ano, mas se enfatizou que Castro via possibilidades diferentes para o Chile, talvez para o Peru e o Uruguai também – desde que a Frente Ampla vencesse as eleições. Salientou-se também que Castro não menosprezava as disputas

internas na Igreja Católica, que possuía importantes grupos favoráveis às transformações sociais.

Segundo Alberto Aggio (2003), a “insólita visita” de Castro foi marcada por profundas esperanças entre os setores da esquerda latino-americana, mas também por vários desencontros, que levaram, inclusive, a situações de críticas recíprocas entre o líder cubano e o presidente do Chile. Mesmo que seja exagerado afirmar que a longa permanência de Fidel, durante 24 dias, em território chileno tenha levado ao golpe de 1973, é difícil negar que canalizou muitas críticas por parte da oposição ao governo da Unidade Popular. Contribuiu, dessa maneira, para a rápida radicalização dos debates, o que se tornou muito evidente nas páginas de *Ercilla*, logo após a partida de Castro em direção a Cuba, nos primeiros dias de dezembro de 1971.

A posição geral de *Ercilla* em face do desenrolar do governo da Unidade Popular, apesar de reivindicar constantemente seu posicionamento de independência e conceder espaço para algumas vozes dos principais grupos políticos do Chile, esteve em sintonia com a de alguns setores do Partido Democrata Cristão, hostis à expansão das ideias e práticas revolucionárias.

Os ânimos se acirraram naquele final de 1971, e Hernández Parker publicou um texto divisor de águas, intitulado *El teléfono ya no contesta*, cujo eixo do argumento consistiu em assinalar que as comunicações entre a UP e o PDC estavam cortadas, bem diferente do cenário de começos de 1971. A repercussão entre os leitores foi grande, uma vez que canalizava parte das principais inquietações por que passavam os chilenos naquele momento (HERNÁNDEZ PARKER, 1971, p. 4).

Paralelamente, em *Marcha* se acentuavam as críticas ao novo governo, presidido pelo colorado Juan María Bordaberry, que sucedeu a Jorge Pacheco Areco. Muitas charges e caricaturas foram publicadas, principalmente durante 1972 e 1973, afirmando que o Uruguai caminhava em direção ao militarismo, ao retrocesso e a um cenário de escassez de bens básicos de consumo.

A ideia de que “os fornos não estavam para bolos” se fortalecia no Uruguai e foram publicados vários trechos de obras de literatura e de discursos de líderes da luta contra o Império Espanhol e as ações

anexionistas de Portugal e do Brasil, ao longo do século XIX, como, por exemplo, José Artigas e José Martí, no cenário mais amplo. Muitos números e títulos de *Cuadernos de Marcha* e *Biblioteca de Marcha* também seguiram uma orientação articulada às publicações do semanário.

Nas páginas classificadas como culturais do semanário uruguaio, o escritor Mario Benedetti (1972) citava o músico Daniel Viglietti<sup>7</sup> para reforçar a batalha travada no Uruguai a favor do “canto livre”, quando a censura mostrava a sua cara e o clima se tornava cada vez mais ameaçador. Em face de um país “angustiado e entristecido”, Benedetti inspirou-se no músico montevideano para pedir resistência e luta contra as ações governamentais, como a invasão da *Universidad de la República*, de livrarias, perseguição de artistas e intelectuais, além do fechamento temporário de órgãos da imprensa. Para Benedetti, o caso uruguaio era excepcional, pois era o único país latino-americano em que a “cultura” havia sido até aquele momento alvo de um ataque violento em todas as suas frentes, devido ao fato de que, em sua ótica, os governantes “[sabiam] que quanto mais se alfabetiza, quanto mais se instrui, quanto mais se informa um povo, mais evidente é que ele se converta em seu inimigo implacável”.

O escritor uruguaio perguntou-se sobre os motivos das investidas e chegou à conclusão de que talvez elas representassem “um elogio para nossa cultura”, ao argumentar que praticamente todos os intelectuais e artistas uruguaios importantes se posicionavam contrariamente ao governo colorado. Assim, assinalou que até se podia concordar com a frase em que Sartre propôs que a cultura era a revolução, mas com validade somente até o seu triunfo, quando deveria ocorrer a sua inversão e “a verdadeira revolução seja a cultura” (BENEDETTI, 1972), para o desenvolvimento completo dos seres humanos. A defesa de Benedetti relacionava-se à ideia de que o entrecruzamento entre política e cultura era visto como irreversível.

Em *Ervilla*, o ano de 1972 também foi de evidente engajamento político, mas de tomada de posição contrária ao governo de Allende. Em primeiro

---

<sup>7</sup> “El canto es un pájaro inquieto, libre, a veces violento. Puede aprisionarse o herirse, pero nadie puede detener el canto de todos ellos. Es que no se trata de canciones de protesta, vean ustedes; se trata de pájaros que vuelan cerca, miran, comentan y anuncian la liberación”.

lugar, o debate, ainda que não direto, entre colunistas de diferentes correntes políticas se encerrou, bem como a participação do crítico Juan Ehrmann, que havia abordado constantemente o cinema de combate argentino, conhecido como *Cine Liberación* e o chamado *Cinema Novo* brasileiro.

No entanto, mais significativo do que a saída de Neruda – ocorrida no início de 1971, relacionada à nomeação como embaixador do Chile na França – e de Ehrmann, foi a supressão das páginas intituladas *América Latina*. As notícias dos países latino-americanos passaram a ser veiculadas em conjunto com as outras partes do Globo. Por quê? Difundia-se a ideia de que o termo transportava mensagens revolucionárias? Ou simplesmente foi uma redistribuição sem fundamentos políticos?

Pode-se sustentar que a eliminação dessas páginas, como um conjunto, esteve vinculada à associação da ideia de América Latina às lutas revolucionárias e resistências às ditaduras, ou às reivindicações de transformação profunda, conforme, por exemplo, as mensagens propaladas em *Marcha* – como a capa de 30 de dezembro de 1969, em que aparecia uma fotografia de Ernesto Guevara com a manchete: *1970: La década de América Latina* – além da enorme repercussão de “As veias abertas da América Latina”, publicada inicialmente em Buenos Aires, em 1971, pelo redator de *Marcha*, Eduardo Galeano.

Cabe lembrar, que Eduardo Galeano foi detido no Uruguai, em abril de 1973, ao viajar para Montevidéu a partir de Buenos Aires, onde começava a dirigir a revista *Crisis* e a preparar, em conjunto com alguns cineastas, filmagens de trechos de “As veias abertas da América Latina”. *Marcha* (1973, p. 5) publicou um manifesto dos intelectuais contra a prisão de seu ex-redator, demandando explicações de seu paradeiro.<sup>8</sup>

Além disso, se pensarmos com Patricia Funes (2007, p. 428), ao analisar os documentos dos Serviços de Inteligência argentinos, pode-se dizer que a simples menção do nome América Latina “em centros de estudo, produções acadêmicas ou políticas, ensaios editoriais, inclusive, e

---

<sup>8</sup> Praticamente toda a equipe do semanário assinou o manifesto, ao lado de, entre tantos outros, Onetti, Hugo Achugar, Idea Vilariño, Ida Vitale e Roberto Ares Pons, no Uruguai; Sábato, Arturo Jauretche, David Viñas, Marta Lynch, Noé Jitrik e Rogelio García Lupo, na Argentina.

na narrativa ficcional foram objeto de análise, registro e recomendação de proibição por parte dos serviços de inteligência”.

Assim, os caminhos trilhados pelas duas revistas passaram a ser bem distintos nos primeiros anos da década de 1970, devido ao abandono de *Ercilla* de uma espécie de engajamento político vinculado ao latino-americanismo, ao passo que *Marcha* buscava aprofundar seus laços com grupos políticos e redes intelectuais de esquerda que ressaltavam a necessidade da construção de uma frente de batalha transnacional contra a ascensão de grupos e governos de direita, apoiados ou capitaneados por militares.

### **Dilemas e contratempos em tempos de profundas transformações**

Em face da grave situação interna uruguaia, a vitória peronista na Argentina, em 1973, depois de 17 anos de proscrição de Juan Domingo Perón, foi vista com esperança por *Marcha*, apesar de todas as críticas publicadas durante o governo peronista de 1946 a 1955.

As esperanças, todavia, não eram ingênuas, pois os redatores de *Marcha* sabiam que a aliança peronista era bastante plural, mas, diante dos problemas enfrentados pelo Chile, a Argentina podia emergir como um novo exemplo para a América Latina.

Aquele foi o momento ideal para publicar o 70º número de *Cuadernos de Marcha*, intitulado *El peronismo (1943-1955)*, em comemoração aos seis anos da revista mensal, publicada a partir de 1967. O número 71 foi dedicado ao período de proscrição peronista (1955-1973). Os principais autores dos dois números foram Ismael Viñas, Gregorio Selser, Milcíades Peña e Juan José Hernández Arregui.

As páginas dos números seguintes de *Marcha* foram recheadas com reportagens sobre aspectos políticos e culturais argentinos, sobre o *Cine Liberación*, além de uma revisão sobre a obra de Julio Cortázar. Além disso, alguns intelectuais, como Augusto Roa Bastos – que vivia em Buenos Aires –, deram as boas-vindas ao retorno da venda de *Marcha* legalmente na Argentina, que havia sido proscria várias vezes durante os anos 60 e inícios dos 70.

As expectativas do número publicado no dia anterior ao golpe no Uruguai – 21 de junho de 1973 –, em relação à construção de uma “nova Argentina” e de uma “nova América” transformaram-se rapidamente em desilusão, a propósito do cenário uruguaio. Logo após o golpe, *Marcha* publicou uma capa com a manchete irônica *No es dictadura*, e foi impedida de circular até o final de julho.

Quando voltou às bancas, reforçou suas denúncias de que o Uruguai se convertia outra vez na Cisplatina, em alusão aos rumos conectados do país com o Brasil, ao mesmo tempo em que o número 72 dos *Cuadernos de Marcha* enfocava os inícios da luta contra a ditadura de Batista em Cuba, que coincidentemente completavam 20 anos, em 1973. O título foi *A 20 años del Moncada*.

Também houve censura entre o final de agosto e começos de outubro. A primeira capa após quase 45 dias sem circular, foi sobre o golpe no Chile, em que condenou o papel desempenhado pelas forças armadas e criticou a nota de “pesar” do Partido Democrata Cristão a respeito do desfecho dos acontecimentos. Uma vez mais, Neruda voltou às páginas de vários números do semanário, sob a pena de críticos uruguaiois e de amigos escritores, como Cortázar. Como era de esperar, os *Cuadernos de Marcha* dedicaram dois números consecutivos a Allende e ao país transandino.

*Marcha* passava por inúmeros problemas e precisava fazer campanha para angariar fundos, além de realizar festivais de teatro, com leituras de poemas de Neruda, encenação de diversas peças e musicais, que contava com a participação de importantes músicos uruguaiois e argentinos, contrários aos golpes no Uruguai e no Chile.

Novas ações de censura foram tomadas contra *Marcha*, ao longo de 1973 e 1974. Foi fechada, em 31 de maio, após defender a união entre os povos do Uruguai, do Chile, da Argentina, do Brasil e demais países latino-americanos, ao reafirmar a ideia de que era necessário construir uma aliança contra os militares e governos ditatoriais. Somente voltou às bancas por três semanas, entre 08 e 22 de novembro, já bastante desconfigurada, quando foi definitivamente empastelada.

No Pacífico Sul, *Ercilla* não passou por contratempos similares aos de *Marcha*, mas participou ativamente do processo de crescimento da tensão

no Chile. É bom ter presente as mudanças no semanário com a entrada de 1972, em que o espaço para a discussão de opiniões divergentes diminuiu rapidamente, ao mesmo tempo em que o alinhamento com alguns setores da Democracia Cristã ficou muito evidente. A ênfase consistiu, a partir de então, em abordar as dissensões internas da Unidade Popular e a presumida incapacidade de manter o trem nos trilhos.

A ironia e a sátira passaram a ocupar um espaço até então pouco comum nas páginas do semanário chileno, com críticas constantes aos discursos de Allende, e houve a publicação, inclusive de *charges* políticas, ausentes de suas páginas até aquele período. Na maior parte das vezes, as imagens dialogavam com os textos de Hernán Millas, na coluna *semi-serio*, que supunham, em conjunto, a inexistência ou impossibilidade de haver diálogo no Chile, além de promover o acirramento das rivalidades.

As mensagens transmitidas em conjunto reforçavam os títulos e os conteúdos das matérias sobre a política chilena, recheados de palavras que remetiam à violência, às contradições e ao “sectarismo”. Evidentemente que havia disputas internas na Unidade Popular, a governabilidade entrou em uma fase crítica, especialmente a partir de meados de 1972, e houve deterioração das condições de vida das camadas médias, como salientou Tomás Moulian (2006, p. 244-259). Entretanto, *Ercilla* não ressaltou que a “violência material” foi estimulada, em grande medida, pela “ultradireita” e pelos militares, segundo o sociólogo chileno, com o assassinato do general Schneider e a atuação do movimento *Patria y Libertad*. Além disso, os redatores do semanário não sublinharam que parte dos problemas enfrentados pela população, no que tocava à falta de bens de consumo básicos, estava relacionada às greves dos produtores e distribuidores desses itens.

A hipótese de Moulian (2006, p. 259), de que houve desencontros fundamentais entre o projeto da Unidade Popular e os interesses das camadas médias, pode ajudar a pensar o papel de *Ercilla* para a difusão da ideia de “ameaça de uma possível destruição do Estado de compromisso”. Além disso, é possível sustentar que o semanário contribuiu para a construção de um discurso de perda da legitimidade do governo de Allende, ainda que este trilhasse os caminhos da legalidade. Não se pode menosprezar que

*Ercilla* estimulou, ainda que com os matizes de Luis Hernández Parker, a paixão e a odiosidade, como fizeram muitos setores nucleados pela direita, capitaneada pelo Partido Nacional. Bastante significativa foi a publicação de muitos textos sobre Solzhenitsyn, além das críticas de Jean-François Revel sobre a dissidência cultural nos regimes totalitários (*ERCILLA*, 1972, p. 34). *Ercilla* passou a associar a política cultural da Unidade Popular ao totalitarismo? Não completamente, mas enfatizou, e muito, as denúncias do escritor russo, antes mesmo da publicação de *Arquipélago Goulag* (1974), por Solzhenitsyn.

Em relação à política, tampouco é possível afirmar que o semanário chileno chegou a classificar o governo da UP de totalitário, mas amplificou as críticas à guerrilha que chamou de “ultras”, silenciando a respeito do outro lado da moeda, isto é, a mobilização constante da oposição a Allende.

Sem espaço para sintetizar todos os temas e “interpretações” semanais, não é arriscado afirmar que *Ercilla* difundiu as principais posições da Democracia Cristã sobre o governo de Allende e, a partir de finais de 1972, mas particularmente nos dois primeiros meses de 1973, assinalou que os militares ganhavam cada vez mais visibilidade e importância no processo político chileno. Até mesmo porque o próprio governo havia chamado os militares para tentar resolver parte dos problemas de distribuição de bens de consumo.

Na semana anterior ao golpe de 11 de setembro, Hernández Parker problematizou se ainda era possível haver diálogo entre a Unidade Popular, a Democracia Cristã e o Partido Nacional, ao afirmar que o governo se mantinha firme em “avançar sem negociar”. Para o jornalista chileno, o problema relacionava-se ao fato de Allende arriscar tudo de uma vez, e de falar que qualquer processo revolucionário levaria a confrontos, sem lembrar que havia sido eleito por uma relativa maioria e com a ratificação da Democracia Cristã. Finalmente, argumentou que, mesmo não vendo possibilidades de diálogo entre os opositores, caso ocorresse, seria “então tempo oportuno para conversar?” (HERNÁNDEZ PARKER, 1973, p. 8-9).

Não havia mais quem tentasse defender a Unidade Popular em *Ercilla*, e o golpe foi visto como positivo. Ainda que *Ercilla* não tenha circulado no dia 12 de setembro de 1973, como previsto, mas somente

duas semanas depois, argumentou que o país, como por “mágica”, havia ingressado em uma “assombrosa tranquilidade”, já no dia 12 de setembro de 1973 (ERCILLA, 1973, p. 29).

Vale ressaltar que *Ercilla* enfatizou, durante o governo Allende, o medo de se perder a liberdade e o presumido domínio da Unidade Popular sobre os meios de comunicação, mas não há evidências de que foi censurada ou deixou de ser publicada pelas gráficas estatais, como ocorreu com vários órgãos da imprensa já nos primeiros meses do governo da Junta Militar.

O último número de 1973 elegeu o “levante militar” como o personagem do ano. Embora Hernán Millas tenha sustentado que a escolha recaísse não em razão do apoio aos militares, mas sobre o golpe que mudou os rumos do Chile, as manifestações favoráveis aos novos governantes foram bastante evidentes, a partir da primeira edição após o golpe até começos de 1975. A justificativa de *Ercilla* para a ação dos militares foi muito clara, quando Millas sustentou que havia a intenção do governo da UP de realizar um “autogolpe”, com o assassinato de militares, dirigentes políticos e jornalistas opositores, por meio do chamado *Plan Zeta*, que nunca existiu. Para Millas, aquele plano havia catalisado os acontecimentos.

Segundo o historiador chileno Jorge Magasich (2010), que se exilou na Bélgica, o diário *El Mercurio* difundiu a existência do *Plan Zeta*, uma semana após o golpe, com o objetivo de justificá-lo, o que também foi feito por Millas, Filippi, Santibáñez e Luis Álvarez, todos integrantes de *Ercilla*. Aliás, Millas e Filippi (1974) publicaram, em co-autoria, duas obras, com tiragens de 50 mil exemplares, cada uma, no final de 1973 e em 1974, em que reforçaram as críticas à Unidade Popular e deram por certa a existência do *Plan Zeta*. Somente em 1999, Millas e Santibáñez reconheceram o “equivocado”, segundo Magasich.

Para Ricardo Yocelevzky, a Democracia Cristã participou do bloco de apoio inicial aos militares de forma subordinada e nutriu anseios, não correspondidos, de que a pretensa neutralidade política das Forças Armadas pudesse restaurar, com limites, o sistema político anterior ao governo da Unidade Popular e do golpe de 1973. Mesmo após haver

perseguições, assassinatos e muitas violações aos direitos humanos, que distanciavam, em muito, os projetos dos militares e do PDC, o discurso de crítica a Allende para justificar o golpe perdurou. Somente a partir de 1975 e 1976, com o acréscimo das investidas contra os partidários da Democracia Cristã, as denúncias contra os militares ficaram mais evidentes, particularmente após a classificação da Junta como uma ditadura de direita, com o objetivo de se perpetuar no poder. Assim, para o cientista político chileno, as relações entre o PDC e a ditadura, foram, até 1977, ambíguas e seletivas. Entretanto, “pouco a pouco, os ‘inimigos’ na retórica oficial do governo militar deixaram de ser os ‘marxistas’ para ser os ‘políticos’ em geral”. Em 1977, houve a publicação de um decreto que colocou todos os partidos políticos “em recesso”, afetando diretamente os últimos partidários do PDC que não haviam fortalecido as fileiras da oposição (YOCELEVZKY, 2002, p. 171-224).

Os caminhos percorridos por *Ercilla* não foram muito diferentes do itinerário traçado por Yocelevsky, com a diferença de que, com as ofensivas da ditadura, a revista passou para as mãos de aliados do regime. Isto é, a revista passou a sofrer censuras por parte dos ditadores devido aos vínculos com a Democracia Cristã. Assim, os seus principais editores e redatores tiveram que deixá-la e passaram a integrar os quadros da revista *Hoy*, a qual passou a tecer críticas ao governo de Pinochet, mas sem fazer uma autocrítica de sua participação canalizadora em direção ao golpe.

### Considerações finais

Em tempos muito difíceis, era necessário fazer escolhas. Se, por um lado, *Marcha*, continuou a defender suas bandeiras históricas, aliando-se aos grupos de esquerda, lutando pela formação da Frente Ampla e rechaçar vigorosamente o golpe no Uruguai; de outro, *Ercilla* escolheu percorrer outros caminhos, ao participar ativamente da desestabilização do governo de Allende e apoiar, ainda que discursivamente, o golpe no Chile.

Ainda que seja preciso matizar o efetivo papel da imprensa no cenário político, como argumentou Patricio Bernedo (2003, p. 66), pode-se

afirmar que *Ercilla* promoveu a canalização, ao lado de outros periódicos, como o diário *El Mercurio*, em direção a opiniões crescentes contrárias à manutenção do regime democrático chileno.

Há muitas dificuldades para se trabalhar comparativamente em relação a dois cenários divergentes entre si, como o uruguaio e o chileno dos anos 60 e 70, bem como focar os diferentes rumos traçados por dois dos seus principais semanários, vinculados ao debate político-cultural até o início da década de 1970.

Ainda assim, pode-se sustentar que não é razoável justificar as escolhas em termos estruturais ou de conjuntura. Mesmo após a instauração das ditaduras no Chile e no Uruguai, existiam alternativas para se posicionar. *Marcha* pagou caro pelas críticas e denúncias, sofrendo uma perseguição implacável dos ditadores. *Ercilla* enfrentou alguns problemas inicialmente, como a maior parte dos órgãos da imprensa chilena, mas o apoio ao golpe lhe rendeu certa autonomia, e uma sobrevivência mais longa.

Por quanto tempo durou a convivência “pacífica” do semanário chileno com o governo ditatorial, quando ocorria o rápido crescimento da repressão e perseguição aos personagens vinculados ao período anterior a 1973? O caso de *Ercilla*, com estreitas relações à Democracia Cristã, mostrou que não muito. Contudo, como salientou ironicamente algumas vezes o próprio Hernán Millas, ao justificar o golpe no Chile, dificilmente se podia deter o avanço da história. Assim, *Ercilla* também sofreu profundas intervenções por parte do governo militar e seus principais integrantes acabaram por deixar o semanário, em 1976, para (re)fundar a revista *Hoy*, que adotou uma postura deliberadamente opositora.

Ainda que publicada até os dias atuais, *Ercilla* passou a ocupar um espaço de relativo silêncio entre os pesquisadores, apesar da riqueza de suas páginas, particularmente entre as décadas de 1930 e inícios dos anos 1970. *Marcha*, por outro lado, ganhou incontáveis estudos e se transformou em um periódico de destaque, particularmente no interior dos debates acadêmicos, além das tentativas de refundação como *Brecha*, a partir de 1985, e da continuidade da publicação de *Cuadernos de Marcha*, no México, durante o exílio de Carlos Quijano – onde faleceu, um ano antes do início do fim da ditadura uruguaia – e posteriormente em Montevidéu, paralelamente ao projeto de *Brecha*.

Para concluir, é preciso levantar algumas reflexões a respeito do papel dos impressos na vida pública, ao buscar o equilíbrio entre inflacionar o seu alcance e possibilidade de orientar, e até mesmo transformar os leitores, e reivindicar uma espécie de deflação de seus impactos. Pode-se afirmar que as interpretações atuais transitam entre os dois polos, e que há certa nostalgia e pesar a respeito das hipóteses que indicam a diminuição do poder dos impressos, e dos meios de comunicação em geral. Contudo, é imprescindível salientar a existência de certa autonomia e liberdade do leitor.

As relações de mediação dos impressos entre os acontecimentos e os leitores não são facilmente interpretadas. O espaço para discussão permanece aberto, mas é possível sustentar que nem os impressos, e particularmente a imprensa, estão dotados de poderes irresistíveis, nem os leitores somente buscam confirmar suas “certezas” ou invertem a balança de poder anteriormente sustentada. A relação é bem mais complexa e merece um tratamento que dê conta da sua riqueza inerente. Há muitas tensões cujo resultado final nem sempre é previsível.

Aí pode residir a importância das revistas. Ao serem feitas a muitas mãos, permitem a apresentação horizontal de heterogêneas concepções, ainda que em certos momentos possa haver convergência de interpretações, podem levar o leitor a se deparar com o desconhecido ou com aquilo que não quer ver/ler/ouvir.

A leitura e interpretação de textos e imagens pode não levar à ação imediata, mas, realizada de forma coletiva ou individual, em voz alta ou silenciosa, tem a capacidade de colocar em perspectiva opiniões, concepções e visões de mundo. Ainda que os objetivos do leitor sejam decisivos para as práticas de leitura, os impressos podem levá-lo à reflexão, a reconsiderar algumas certezas e a formular novas dúvidas. Evidentemente, há diferentes tipos de leitores, e de leituras, alguns mais abertos ao diálogo do que outros. Contudo, mesmo entre aqueles que pudessem ser *considerados* menos flexíveis, *Marcha* e *Ercilla* apostaram que não era possível ficar indiferente diante de um texto efetivamente lido ou de uma imagem observada com atenção.

## Referências

- AGGIO, A. Uma insólita visita: Fidel Castro no Chile de Allende. *História*, Franca, v. 22, n. 2, p. 151-166, 2003.
- ALFARO, H. *Navegar es necesario. Quijano y el semanario Marcha*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1984.
- BAKER, K. M. Naissance de l'opinion publique. *Annales ESC*, n. 1, p. 41-71, 1987.
- BEIGEL, F. Las revistas culturales como documentos de la historia latinoamericana. *Utopía y Praxis Latinoamericana*, v. 8, n. 20, p. 105-115, 2003.
- BENEDETTI, Mario. Canto libre es vida libre. *Marcha*, Montevideo, a. XXXII, n. 1.595, 2 jun. 1972, p. 7.
- BERNEDO, P. La Prensa durante la Unidad Popular y la destrucción del régimen democrático. In: ROLLE, C. (Coord.). *1973, la vida cotidiana de un año crucial*. Santiago: Planeta, 2003, p. 59-97.
- CAETANO, G.; RILLA, J. *El joven Quijano (1900-1933). Izquierda nacional y conciencia crítica*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1986.
- CARMEN DE SIERRA, M. *Quijano y Marcha. Una visión transformadora del Uruguay y América Latina*. Montevideo: Ediciones de Brecha, 2015.
- COSTA, Adriane Vidal. *Intelectuais, política e literatura na América Latina: o debate sobre revolução e socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa*. São Paulo: Alameda, 2013.
- COTELO, R. *Marcha* y la Generación del '45. In: SOSNOVSKI, R. (Ed.). *La cultura de un siglo: América Latina y sus revistas*. Buenos Aires: Alianza, 1999, p. 333-349.
- CRESPO, R. A. (Coord.). *Revistas en América Latina: proyectos literarios, políticos y culturales*. México: UNAM/Eón, 2010.
- CRESPO, R. A. Revistas culturais e literárias latino-americanas: objetos de pesquisa, fontes de conhecimento histórico e cultural. In: JUNQUEIRA, M. A.; FRANCO, S. M. S. (Org.). *Cadernos de Seminários de Pesquisa*. São Paulo: Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo/ Humanitas, 2011, p. 98-116.

- ESPECHE, X. *Marcha del Uruguay: hacia América Latina por el Río de la Plata*. In: ALTAMIRANO, C. (Dir.). *Historia de los intelectuales en América Latina. Los avatares de la "ciudad letrada" en el siglo XX*. Buenos Aires: Katz Editores, 2010, p. 211-234.
- FILIPPI, E. Análisis ¿Y después del 4? *Ercilla*, Santiago, a. XXXVII, n. 1.837, 02 a 08 de set. 1970, p. 8-9.
- FUNES, P. Ingenieros del alma: los informes sobre canción popular, ensayo y Ciencias Sociales de los Servicios de Inteligencia de la dictadura militar argentina sobre América Latina. *Varia Historia*, Belo Horizonte, v. 23, n. 38, p. 417-438, 2007.
- GARCÉS, M. *Tomando su sitio: el movimiento de pobladores de Santiago, 1957-1970*. Santiago: LOM, 2002.
- GILMAN, C. Batallas de la pluma y la palabra. In: MACHÍN, H.; MORANA, M. (Eds.) *Marcha y América Latina*. Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana; Universidad de Pittsburgh, 2003, p. 277-298.
- GILMAN, C. *Entre la pluma y el fusil. Debates y dilemas del escritor revolucionario en América Latina*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2003.
- HAYA DE LA TORRE, V. R. *El antiimperialismo y el APRA*. Santiago: Ercilla, 1936.
- HERNÁNDEZ PARKER, L. Los que quieren el Poder. *Ercilla*, a. XXXVI, n. 1.816, 08 a 14 de abr. 1970, p. 8.
- HERNÁNDEZ PARKER, Luis. El teléfono ya no contesta. *Ercilla*, Santiago, a. XXXVIII, n. 1.901, 22 a 28 de dez. 1971, p. 8-9.
- HERNÁNDEZ PARKER, Luis. ¿Retorno al diálogo? *Ercilla*, Santiago, a. XL, n. 1.990, 05 a 11 de set. 1973, p. 8-9.
- MACHÍN, H.; MORANA, M. (Ed.) *Marcha y América Latina*. Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana; Universidad de Pittsburgh, 2003.
- MILLAS, H. ¿A qué vino Fidel Castro? *Ercilla*, Santiago, a. XXXVIII, n. 1.896, 17 a 23 de nov. 1971, p. 08-12.
- MISKULIN, S. *Os intelectuais cubanos e a política cultural da Revolução (1961-1975)*. São Paulo: Alameda, 2009.
- MOREJÓN ARNAIZ, I. *Política e polémica na América Latina: Casa de las Américas e Mundo Nuevo*. 326 f. Tese (Doutorado) - Programa de

- Integração da América Latina, USP, São Paulo, 2004.
- ROCCA, P. *35 años en Marcha. Crítica y literatura en Marcha y en el Uruguay: 1939-1974*. Montevideo: IMM-División Cultura, 1992.
- PEIRANO BASSO, L. *Marcha de Montevideo y la formación de la conciencia latinoamericana a través de sus cuadernos*. Buenos Aires: Javier Vega, 2001.
- PIÑEYRÚA, P. “La imaginación tituladora”: América Latina y el latinoamericanismo en los titulares y tapas del semanario *Marcha*. In: CRESPO, R. A. (Coord.). *Revistas en América Latina: proyectos literarios, políticos y culturales*. México: UNAM/Eón, 2010.
- PINTO, J. Hacer la revolución en Chile. In: PINTO, Julio (Coord.). *Cuando hicimos historia: la experiencia de la Unidad Popular*. Santiago: LOM, 2005, p. 09-13.
- Ercilla*, Santiago, a. XXXVIII, n. 1.895, 10 a 16 de nov. 1971, p. 15-18.
- Ercilla*, Santiago, a. XXXVIII, n. 1.922, 17 a 23 de mai. 1972, p. 34.
- Ercilla*, Santiago, a. XL, n. 1.991, 26 de set. a 02 de out. 1973, p. 29.
- MAGASICH, J. “Salvador Allende preparaba un auto-golpe de Estado sangriento”. El plan Z que horrorizó a Chile. *Le monde diplomatique en español*, Santiago, jan. 2010, p. 22.
- Marcha*, Montevideo, a. XXXIV, n. 1.638, 06 de abr. 1973, p. 5.
- MILLAS, H.; FILIPPI, E. *Anatomía de un fracaso*. Santiago: Zig-Zag, 1973.
- MILLAS, H.; FILIPPI, E. *Chile 70-73: Crónica de una experiencia*. Santiago: Zig-Zag, 1974.
- MOBAREC HASBÚN, P.; SPINIAK BERCOVICH, D. *Revista Hoy. 1.108 ediciones con historia*. Santiago: Ediciones Copygraph, 2001.
- SÁNCHEZ, L. A. *Visto y vivido en Chile: bitácora chilena (1930-1970)*. Santiago: Tajamar Editores, 2004.
- SARLO, B. Intelectuales y revistas: razones de una práctica. *America, Cahiers du CRICCAL*, París, Sorbonne la Nouvelle, n. 9-10, p. 9-15, 1992.
- SARLO, B. Intelectuales: ¿escisión o mimesis? *Punto de Vista*, Buenos Aires, n. 25, p. 1-6, 1985.
- SIGAL, S. *Intelectuales y poder en la década del sesenta*. Buenos Aires: Puntosur, 1991.
- SORÁ, G. *Traducir el Brasil: una antropología de la circulación internacional de ideas*. Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2003.
- SUBERCASEAUX, B. Editoriales y círculos intelectuales en Chile, 1930-

1950. *Revista chilena de literatura*, Santiago, n. 72, p. 221-233, 2008.

SUBERCASEAUX, B. *Historia del libro en Chile: desde la Colonia hasta el Bicentenario*. Santiago: LOM, 2010.

TERÁN, O. *Nuestros años sesentas. La formación de la nueva izquierda intelectual en la Argentina 1956-1966*. Buenos Aires: Puntosur, 1991.

YOCELEVSKY, R. La Democracia Cristiana y la dictadura de Pinochet. In: *Chile: partidos políticos, democracia y dictadura 1970-1990*. Santiago: Fondo de Cultura Económica, 2002, p. 171-224.